

DUJARIER, Michael, **Église-Fraternité. L'ecclésiologie du Christ-Frère aux huit premiers siècles**. Tome I : **L'Église s'appelle « Fraternité » (I<sup>er</sup> – III<sup>e</sup> siècle)**, coll. « Patrimoines – Christianisme », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2013, 498 p., 235 x 140, ISBN 978-2-204-09699-7.

«Fraternidade» é hoje uma palavra com grande actualidade, desde que o novo Papa, Francisco, a começou a utilizar como palavra-chave para aquilo que ele considera dever ser o elemento definidor da verdadeira Igreja. Ora, curiosamente, com esta opção, e com ou sem a consciência disso, o novo Papa está a reconduzir a Igreja à ideia e à realidade daquilo que foi sua marca nos primeiros séculos. Está, pois, na linha da «refontalização» de que tanto se falou na sequência do Concílio Vaticano II.

Curiosamente também, antes de haver Papa Francisco, o autor deste livro – um sacerdote originário de Tours, doutorado em Teologia e a trabalhar em África, no Benin, onde exerce conjuntamente actividade docente e actividade pastoral – procura mostrar que assim foi efectivamente a Igreja, não apenas nos primeiros séculos, mas no decurso de todo o primeiro milénio. «Fraternidade» foi então um dos nomes mais significativos com que se designava a Igreja, exprimindo a união vital dos baptizados a «Cristo-Irmão».

A sua análise está planeada para três volumes, incidindo respectivamente sobre os séculos I-III (vol. 1), IV e V (vol. 2) e VIII (vol. 3), admitindo que esta ideia de fraternidade esteve adormecida durante os séculos VII e VIII. O primeiro volume leva como (sub)título «L'Église s'appelle 'Fraternité'»; para o segundo, o autor escolheu «L'Église est 'Fraternité'»; o terceiro terá como (sub)título «L'Église est 'Sainte Fraternité'».

Este primeiro tomo começa com uma série de estudos e considerações sobre a redescoberta da ideia de fraternidade para designar e definir a Igreja, desde o século XIX até ao Vaticano II e tempos subsequentes. Considera relevante, para o conhecimento desta perspectiva eclesiológica, o reencontro da «Igreja dos Padres». Uma primeira parte estuda o tema no século I; a segunda, no século II no mundo mediterrâneo; a terceiro, no século III, distinguindo o Oriente e o Ocidente. A quarta parte estuda a linguagem da fraternidade e a teologia do Cristo-Irmão nas Igrejas do século III (Tertuliano, Cipriano de Cartago e seus contemporâneos, Hipólito, Orígenes, etc.). Um último capítulo é dedicado ao assunto nos escritos sincréticos das correntes gnóstica e maniqueia.

Muito documentado, com abundância de citações em texto recolhido, extraídas dos autores que fundamentam a ideia de fundo, é um livro de cariz teológico bem elaborado, que prestará, sem dúvida, e mais ainda quando complementado pelos dois volumes em preparação, um bom serviço à eclesiologia.

LUÍS SALGADO

GUIBAL, Francis, **À-Dieu. De la philosophe à la théologie ?**, coll. « Cogitatio fidei », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2013, 290 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09851-9.

Um título à partida algo enigmático, para sugerir um texto muito sugestivo de reflexão filosófica e teológica no âmbito da teologia fundamental. «À-Dieu» não é aqui usado em substituição de um simples «adieu» de despedida, que não seja (apenas) em relação a uma certa segurança